

# ONZE PORTAS PARA A ESCURIDÃO



inrínseca

## C. J. TUDOR

AUTORA DE O HOMEM DE GIZ



# ONZE PORTAS PARA A ESCURIDÃO

C.J. TUDOR

TRADUÇÃO DE  
CAROLINA CANDIDO, FERNANDA COSENZA,  
MARIANA MOURA E THIAGO PENICHE



Copyright © 2022 Betty & Betty Ltd

TÍTULO ORIGINAL  
A Sliver of Darkness

COPIDESQUE  
Angélica Andrade

REVISÃO  
Iuri Pavan  
Thais Entriel

DIAGRAMAÇÃO  
Inês Coimbra

DESIGN DE CAPA  
Rachel Ake Kuech

ILUSTRAÇÃO DE CAPA  
Joe McLaren

LETTERINGS E ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Antonio Rhoden

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO  
Amanda Miranda

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T827o

Tudor, C. J., 1972-  
Onze portas para a escuridão / C. J. Tudor ; tradução Carolina  
Candido ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.  
; 21 cm.

Tradução de: A sliver of darkness  
ISBN: 978-65-5560-735-2

1. Ficção. inglesa. I. Candido, Carolina. II. Título.

23-82461

CDD: 823  
CDU: 82-31(410.1)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

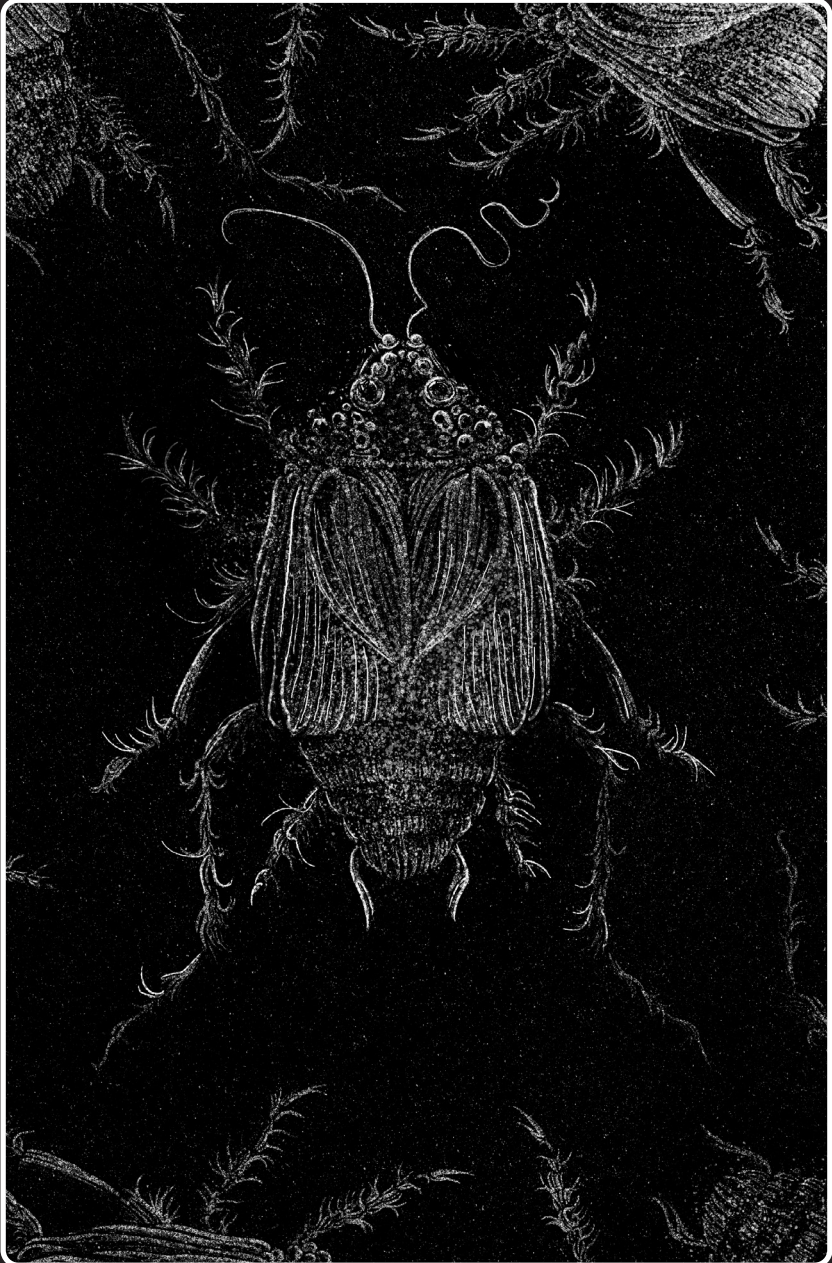
[2023]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6ª andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para o meu pai*

# Sumário

<i>Introdução</i>	11
Fim da linha no mar	15
O Prédio	59
Blues da fuga	89
Negócio fechado	117
O leão	143
Gloria	161
Eu não sou o Ted	179
O último encontro	191
A Loja de Cópias	231
Poeira	243
Ilha das borboletas	259
<i>Agradecimentos</i>	283



**N**inguém se lembrava da época em que tinha sido construído. Existia só um antes e um depois. Mas nada no meio-tempo. Como se o prédio tivesse simplesmente surgido da noite para o dia, se firmado no chão e criado raízes. Uma montanha enorme de concreto cinza, pairando sobre as ruas secundárias de Nottingham.

Tyler tinha uma teoria. Naquela época, tantos edifícios eram construídos pela cidade que, depois de um tempo, as pessoas nem notavam. Do mesmo jeito que você parava de reparar nos carros carbonizados no entorno do centro recreativo. Um a mais não fazia muita diferença.

Mas acontece que, ao longo dos anos, todos os outros foram demolidos, e só sobrou o Prédio. Era assim que as pessoas o chamavam, “o Prédio”. Nunca “o condomínio” nem o “prédio residencial”. O Prédio. Sólido, inflexível; uma sombra impenetrável sobre a fileira de casas abaixo.

A avó de Tyler se lembrava de quando havia gente morando lá. Mas a avó de Tyler também falava que tinha sido abduzida por alienígenas e que havia conhecido Abraham Lincoln (seja lá quem ele fosse), então não dava para confiar muito. Ela sofria de demência e vivia confundindo a realidade com as coisas que assistia na televisão.

Depois de tudo o que aconteceu, meio que entendi como ela se sentia.

Foi ideia do Tyler. Ele tinha um monte de ideias, e quase todas envolviam a gente fazer algo que não deveria.

— A gente tem que entrar lá — disse ele. Estávamos deitados no matagal do terreno baldio que ficava atrás do Prédio, olhando para o céu cinzento e fumando a maconha que ele tinha roubado da mãe. — Entrar e dar uma olhada.

— Por quê? — perguntou Abid.

— Porque vai ser legal.

Não achei que seria legal. Olhando para aquele monólito alto e sombrio, com as janelas quebradas parecendo buracos de tiro na pele



encouraçada de um monstro enorme, pensei que na verdade seria a coisa menos legal que eu poderia imaginar.

Mas não falei nada. Eu era o novato do grupo e ainda estava tentando achar meu espaço. Não ia bater de frente com Tyler. Nem usar a palavra “monólito” na presença dele.

Tyler era um garoto alto e magrelo, com um cabelo afro imenso e um dente de ouro de verdade. Morava com a mãe e a avó na nossa rua. O pai estava preso, e o irmão mais velho tinha levado um tiro quando Tyler era apenas um bebê. Eu nunca havia conhecido ninguém que era irmão de um cara que foi baleado. Ou com um dente de ouro de verdade aos treze anos de idade.

Abid e Shannon eram os outros integrantes da nossa galera. A mãe do Abid era uma das tias do refeitório na escola, e o pai era dono de um depósito popular lá no anel rodoviário. Shannon era loira e meio que bonita. Também tinha uma prima chamada Courtney que não era.

Uma vez, Tyler me contou que a Courtney pagava boquete em troca de uma lata de cerveja e um saco de batata frita. Eu disse que ela teria que pegar mais leve nas batatinhas antes de algo assim acontecer. Ele achou engraçado e riu, o dente de ouro à mostra. Acho que foi aí que a gente virou parceiro.

Minha mãe e eu tínhamos nos mudado para Nottingham só uns dois meses antes. A gente se mudava bastante. Por causa do meu pai. Ele não morava mais com a gente. Mas sempre dava um jeito de nos encontrar.

— E aí, Danny, o que achou da casa nova? — perguntou minha mãe, abrindo a porta do número 8 da rua Manvers.

Achei que era igualzinha à casa antiga. Mais uma casa bosta em uma rua bosta e deprimente. Janelas vagabundas. Aquecedor elétrico. Carpete manchado e papel de parede descascando.

— É legal.

— Bom, é a única coisa que a gente consegue pagar por enquanto.

— É legal, mãe.

- Quando eu arrumar outro emprego e...  
— É *legal*, mãe. É um verdadeiro *palácio*. Beleza?  
— Danny, fale direito comigo...

Ignorei e subi a escada bamba, dei uma espiada no banheiro, franzi o nariz ao ver a parede verde-abacate da suíte e depois voltei para o quarto da frente e sentei no chão. Tirei um canivetezinho do bolso, arregacei a manga e fiz um corte fino no antebraço. O sangue fresco escorreu devagar pelas cicatrizes antigas.

Mais tarde, à noite, compramos peixe empanado com batata frita e comemos em uns móveis velhos de plástico que encontramos no quintal dos fundos. A gente tinha deixado a mobília na casa antiga. Minha mãe não podia comprar móveis novos até conseguir um empréstimo.

Os endereços mudavam. Todo o resto continuava igual.

— E aí, você tá dentro?

Tyler me encarava.

Tive a sensação de ter perdido alguma coisa. Acontecia às vezes. Eu meio que desligava, ou “ia embora”, como minha mãe dizia. “Opa, o Danny foi embora de novo. Terra chamando Danny. Terra chamando Danny.” Eu até achava graça, tipo, quando tinha uns cinco anos de idade.

— Qual é, cara. Tem que ser você. Você é o menor — disse Abid.

Eu costumava ficar puto por ser sempre o menor. Mas com o passar dos anos, ser baixinho e magricelo acabou sendo útil. Eu conseguia desaparecer rápido no meio de uma multidão. Ou me enfiar em espaços apertados para me esconder. Uma vez, consegui me espremer por uma portinha de gato para escapar do meu pai.

— Você não tá com medo, né? — perguntou Shannon.

Ela jogou o cabelo por cima do ombro e deu uma tragada na ponta do baseado.

— Óbvio que não — respondi.

Eu ainda nem sabia do que supostamente “não estava com medo”.

— Então, você topa? — perguntou Tyler.

Hesitei. Queria dizer que sim. Não queria parecer covarde na frente deles. Mas, por outro lado, não queria me comprometer com algo e me arrepender depois.

— Eu... é... não sei, cara.

— Beleza. Tá certo. — Tyler se levantou. — Primeiro dá uma olhada e depois você decide.

Era uma fresta minúscula. Um espacinho deixado por um bloco de concreto caído ou retirado. Todas as janelas do térreo e do primeiro andar estavam vedadas com tijolos. Para impedir a entrada de invasores e viciados. Do segundo andar para cima, as janelas estavam quebradas ou cobertas com tábuas de madeira.

Por algum motivo, mesmo não fazendo a menor ideia do que Tyler queria que eu fizesse, eu sabia que tinha a ver com o Prédio.

— Então, você entra por esse buraco com uma corda e vai até o segundo andar. Daí você joga a ponta por uma das janelas e a gente sobe.

Fiquei olhando para o retângulo vertical de concreto cinza. Três andares de altura eram quase dez metros.

— É bastante coisa para subir — falei.

— Não é nada, cara. A gente empilha umas lixeiras velhas e sobe.

— Mas e se não tiver onde amarrar a corda quando eu chegar lá? E se eu não conseguir sair?

Tyler me olhou e cuspiu no chão.

— Se você não quer fazer é só falar, valeu?

Olhei rapidinho para o Abid, que estava com a cabeça baixa, encarando os tênis novos da Adidas. Dava para notar que não era muito a favor da ideia agora que a gente estava ali, na sombra fria do Prédio. O vento soprava pelas laterais da construção, cortante. Tinha lixo espalhado pelo chão e empilhado contra as paredes. Também havia várias lixeiras largadas em um dos cantos do estacionamento deserto.

— Eu faço — disse Shannon, de repente.

Eu a encarei.

— Você não consegue.

Ela levantou o queixo.

— Por quê? Porque sou uma garota?

— Não. Porque seus ombros são largos demais. Você vai ficar presa.

Dei dois passos para a frente, me abaixei e espiei pela fresta pequena e escura. A janela ficava perto do chão. Uma janela de porão. O lado de dentro fedia a mijó, vômito e alguma outra coisa. Meio doce, mas enjoativa também. Nojento.

— O que você tá vendo? — perguntou Abid.

— Nada. Tá um breu.

Só que não era bem isso. Tinha, *sim*, alguma coisa. Não dava para ver direito, mas eu sentia um movimento em algum lugar na minha visão periférica. Ratos, provavelmente.

— E aí? — Tyler soava impaciente. — Qual vai ser?

Olhei de volta para ele. Qual vai ser? De jeito nenhum eu entraria lá. Só se estivesse louco. Ele que achasse algum outro otário para fazer aquilo. Era uma má ideia, péssima, na verdade.

— Vou precisar de uma lanterna decente — falei.

A gente combinou de se encontrar às sete da noite.

Não foi tão difícil sair. Nós quatro costumávamos ficar ali por perto do centro recreativo nos sábados à noite. Minha mãe não gostou muito de me ver saindo em um dia de semana, mas não me encheu o saco. Afinal, era ela quem bagunçava meu ano letivo com aquele tanto de mudança pra lá e pra cá, então não tinha muito do que reclamar.

Abid foi o primeiro a chegar. Ele não conseguia não ser pontual. E elegante. Sempre usava roupas esportivas da moda e tênis brancos impecáveis. A família dele tinha dinheiro. Eu não sabia por que ainda moravam naquele bairro. Aposto que conseguiriam pagar por um lugar melhor.

Abid nunca falava sobre a família. Assim como nunca dizia por que andava com a gente e não com o pessoal asiático. Às vezes eu via a mãe dele limpando pichações da porta de casa. Era tudo escrito em indiano ou sei lá, então eu sabia que não tinha nada a ver com racismo. Acho que toda família tem seus segredos.

— Trouxe a lanterna? — perguntei.

Ele assentiu e tirou um modelo grande da mochila. Ligou a luz. O estacionamento se acendeu feito um estádio de futebol.

— Porra, cara. Apaga isso. Quer que a gente seja preso sem nem ter feito nada?

Ele desligou a lanterna. Fomos instantaneamente cercados pelas sombras. O brilho distante dos postes da rua iluminava a extremidade do estacionamento, mas ali, atrás do Prédio, a escuridão era total, engolindo todas as formas, principalmente nos cantos. Eu mal conseguia enxergar o brilho dos Adidas brancos de Abid.

— Este lugar é sinistro — murmurou ele.

Abri a boca para concordar, mas alguém me cutucou no ombro e eu quase me caguei.

— Merda!

Shannon estava atrás de mim. Ao lado dela, uma figura vestindo um conjunto esportivo rosa da Nike. Courtney.

— O que ela tá fazendo aqui? — perguntou Abid.

— Ela vai ser nossa vigia. Vai ficar de olho caso passe um carro da polícia — respondeu Shannon.

Até que não era má ideia. A viatura policial passava mesmo por ali de vez em quando. Costumava passar bem mais. Assim como a cerca costumava estar de pé para manter as pessoas do lado de fora. Mas agora ninguém se importava. Chegava a ser esquisito. Como se todo mundo tivesse simplesmente esquecido a existência do lugar. Embora eu não soubesse como alguém poderia simplesmente esquecer noventa metros de concreto.

Captei um brilho dourado na escuridão, e Tyler emergiu das sombras. Trazia uma corda grossa em um dos ombros.

— Prontos para um pouquinho de aventura? — Então ele viu Courtney e seu sorrisinho desapareceu. — Quem trouxe isso pra festa?

— Fui eu — retrucou Shannon, com um ar desafiador. — Ela é a nossa vigia.

— Ah, é? Pra quê? Vai ficar de olho se surge uma pizza do nada?

Courtney desembrolhou um chiclete, enfiou na boca e ficou mastigando em silêncio. Acho que eu deveria sentir pena, mas a verdade é que ela me assustava um pouco, com aquele olhar vazio, as tranças oleosas e a voz monótona. Acho que ela nem entendia os insultos. Ou vai ver só não se importava.

Shannon parecia prestes a retrucar de novo, mas Tyler levantou a mão.

— Beleza. Ela fica de vigia. Vamos logo com isso. — Ele olhou para mim. — Tá pronto?

“Pronto” era a última coisa que eu estava. Estava era com medo, isso sim. Fiquei o caminho todo torcendo para que algo acontecesse e nos impedisse de seguir em frente com o plano. Até pensei em ligar para a polícia eu mesmo. Mas eu não era dedo-duro. Pelo menos isso meu pai me ensinou.

— Vamos nessa — falei.

Tyler me deu um tapão nas costas.

— É isso aí!

— Fica aqui. De guarda — disse Shannon para Courtney, como se estivesse falando com um cachorro.

A garota assentiu, mastigando.

— Tá.

Eu me aproximei do buraco na janela tapada com tijolos. Era como uma ferida aberta. Senti o suor brotando na nuca. Então me abaixei e enfiei as pernas para dentro, uma de cada vez, até estar sentado na beirada.

— Quando eu entrar, joga primeiro a lanterna, depois a corda.

Abid assentiu, parecendo ainda mais assustado do que eu. Até Tyler estava com um ar apreensivo.

— Boa sorte — disse Shannon, e sorriu.

Não tinha mais volta. Girei, espremi o restante do corpo pelo buraco e mergulhei na escuridão.

O chão estava mais longe do que eu esperava. Caí meio desequilibrado e tombei de lado.

— Ai. Droga.

O piso estava coberto com uma meleca viscosa. Tipo papelão molhado e podre.

— Tá tudo bem aí? — gritou Tyler lá de cima.

— Sim. — Fiquei de pé e limpei as mãos na calça jeans. — Só tá bem nojento aqui embaixo.

— Quer a lanterna? — perguntou Abid.

— Precisa, não. Acho que vou ficar aqui no escuro mesmo.

Silêncio. Abid não entendia sarcasmo direito. Então escutei Tyler dizer:

— Dá a porra da lanterna para ele, cara.

— Espera aí. Vou amarrar a lanterna na corda e jogar para você.

Na verdade, até que era uma boa ideia. Abid podia não ter muito senso de humor, mas sempre pensava em tudo.

— Está indo aí. Quando pegar, desamarra a lanterna que eu jogo o resto da corda.

— Beleza.

Fiquei esperando, encarando a escuridão enquanto tentava respirar pela boca. Por algum motivo, não ajudava. Era como se o cheiro aderisse à garganta.

Ouvi algo raspando e chacoalhando, então semicerrei os olhos lá para cima. Abid tinha ligado a lanterna, que girava enquanto descia, lançando breves flashes de luz sobre a parede descascada, o teto manchado de umidade e... minha respiração falhou... havia algo no chão. Algo que *se movia*; algo preto e lustroso, com pernas. Muitas pernas.

Recuei aos tropeços até a parede. A lanterna me acertou na cabeça, e soltei um gritinho.

— Danny? Tudo bem? O que foi?

Era a voz de Shannon dessa vez. Meu coração estava acelerado. A luz continuava girando. Dei um puxão na lanterna e apontei-a para a escuridão feito uma arma. Eu estava certo sobre o piso. Estava coberto de lixo e pedaços de papelão podre. Sacolas velhas. Embalagens de comida. Latas enferrujadas e garrafas plásticas amassadas.

Mais nada. Fosse lá o que eu tivesse visto, ou pensado que tinha visto, tinha desaparecido. Devia ser só uma barata, tentei me convencer. Apesar de ter parecido grande demais para uma barata. Maior do que um rato. Só que ratos não eram pretos nem lustrosos. E tinham só quatro pernas.

Engoli em seco.

— Danny?

— Tudo bem — gritei lá para cima. — Só achei que tinha visto um... rato ou alguma coisa.

Ou alguma coisa.

— Tá, que se foda. — Era a voz do Tyler de novo. — Pega a corda e agiliza aí, cara. A gente não tem a noite toda.

Desamarrei a lanterna depressa. A corda serpentava pela parede como uma cobra enorme. Estremeci, querendo não ter pensado nisso. Querendo não estar ali. Querendo de todo o coração estar sentado com a minha mãe na sala da nossa casa bosta assistindo a alguma porcaria na televisão alugada.

Mas como minha mãe diria: “Desejar é perda de tempo. Se quiser uma coisa, você vai ter que ir lá e conseguir.” Só que o que ela já tinha conseguido? Não tinha dinheiro, não tinha uma casa decente. Talvez devesse ter desejado um pouco mais. Ou vai ver até tentou, mas meu pai arrancou os desejos dela à força.

Enrolei a corda no ombro — precisei abaixar a lanterna no processo — e senti um arrepio momentâneo de pânico.

*Preto, lustroso e com pernas, Danny. Não era uma barata, e você sabe.*

Calei a voz na minha cabeça, peguei a lanterna e iluminei ao redor, em busca de uma saída. A viga descia até uma porta cinza surrada e cheia de pichações. De repente, pensei que, se estivesse trancada, eu estava preso. Não conseguiria escalar a janela de volta. Não teria saída.



Convenientemente, Tyler havia se esquecido de mencionar esse furo no plano.

Mas já era tarde demais. Xinguei e fui em direção à porta. Ouvia o barulho do lixo sendo amassado debaixo dos meus tênis. Algo farfalhou atrás de mim. Girei, sacudindo a lanterna. Nada além de mais lixo e paredes manchadas de mofo. Fiquei esperando, atento. Só consegui escutar minha própria respiração rouca e o sangue pulsando com força nos ouvidos. Virei de volta para a porta.

Outro som. Mais perto. À esquerda. Tipo uma *risadinha abafada*. Parecia uma mistura de barulho de chocalho com um sibilo. Dessa vez, girei tão rápido que quase deixei a lanterna cair... justo quando *alguma coisa* desapareceu debaixo de uma pilha de embalagens.

Eu já não estava nem aí para o que era. Só queria sair daquele lugar. Virei e agarrei a maçaneta. Por um segundo, achei que a porta estava emperrada. Puxei de novo, dessa vez com mais força, e ela se abriu com um tranco. Dei um passo vacilante e entrei em outro cômodo escuro e fedorento. Mas senti cheiros normais dessa vez. Urina e maconha bolorenta.

Bati a porta e apontei a luz da lanterna para um lado e para o outro. Notei o início de um lance de escadas. Dava para ver uma outra porta (que deveria levar à portaria) à esquerda e, na minha frente — apontei a lanterna para cima —, degraus rachados de concreto que iam em direção a mais breu.

Eu não queria subir, sério. Mas aí... olhei para trás, lembrei daquele corpo preto e lustroso e daquela *risadinha* horrorosa. De jeito nenhum que eu ia voltar. Pisei no primeiro degrau. Atrás de mim, algo se chocou com um baque oco na porta fechada do porão.

Subi os degraus seguintes de dois em dois.

Segundo andar. Só que a placa da porta tinha sido pichada e agora estava escrito: Andar 2 INFERNOS. Embaixo, alguém tinha acrescentado com uma tinta diferente: CORRA.

Maravilha. Empurrei a porta e entrei em um corredor comprido e estreito, com mais portas de ambos os lados — algumas fechadas, algumas abertas e algumas penduradas por uma única dobradiça. Nossa. As paredes estavam cobertas com mais e mais pichações. A tinta praticamente escorria. E o cheiro. O cheiro tinha voltado, o mesmo do porão.

Tentei ignorar e me concentrar no que eu deveria estar fazendo: ajudar Tyler e os outros a entrarem. O que era uma ideia imbecil, pensei outra vez. Uma merda de ideia imbecil e *insana*. Eu só queria sair dali. Mas não podia parecer covarde.

Fui apontando a lanterna para as portas enquanto decidia qual eu tentaria abrir. Escolhi a terceira à esquerda. Era meio difícil entender a geografia do prédio agora que eu estava do lado de dentro, mas achei que aquela era mais próxima do lugar por onde eu tinha entrado.

Já estava entreaberta. Senti o coração acelerar de novo, avancei e a empurrei, apontando a lanterna para dentro.

Não sei dizer se o que senti foi alívio ou decepção. Uma sala. Deprimente e familiar. Sofá velho afundado, papel de parede descascando. Carpete manchado. Não havia pichações do lado de dentro, mas, mesmo assim, alguma coisa parecia estranha. Passei a lanterna pelo cômodo e aí percebi o que era: enfeites, fotografias nas molduras, até canecas sujas na mesa de centro. A pessoa que morou ali tinha ido embora com pressa. De novo. Deprimente e familiar.

Fui até a janela. Por sorte, não estava tapada, só quebrada. Usei a lanterna para terminar de quebrar alguns cacos afiados. Foi quando ouvi um grito lá de baixo:

— Fala, cara, aqui.

Dei uma espiada. Tyler estava parado embaixo da janela, Shannon e Abid logo atrás. Tyler sorriu, e o dente de ouro cintilou.

— Você conseguiu.

Mostrei a corda.

— Ainda tenho que encontrar um lugar para amarrar isso.

— Como é aí dentro? — perguntou Abid.

Hesitei, então respondi:

— Você vai ver.

O sofá era a única coisa pesada na sala. Fiz um nó grande em volta de um dos pés, apoiei a lateral embaixo da janela e dei um puxão para testar. Achei firme, então joguei a corda.

Tyler subiu primeiro, rápido e desvolto, fazendo a tarefa parecer fácil. Tropeçou para dentro do cômodo e me deu um tapa nas costas. Em seguida entrou Shannon, quase tão rápida e ágil quanto ele, e, por fim, Abid, lento e desajeitado. Em determinado momento, ele estava balançando tanto que pensei que fosse cair, mas acabou conseguindo chegar à janela e se jogou no chão, esbaforido.

Tyler balançou a cabeça.

— Que merda, hein, cara. Você subiu que nem uma garotinha. — Ele lançou um olhar rápido para Shannon. — Sem ofensas.

Ela lhe mostrou o dedo do meio.

Abid se levantou, batendo as mãos na calça jeans.

— Agora fiquei todo sujo.

— Supera — disse Shannon.

Tyler ligou a lanterna do celular e andou pela sala, então fez uma cara feia.

— Que lugar merda.

*Você estava esperando o quê?*, pensei, mas não disse nada.

Ele pegou uma das canecas cheias de mofo.

— Alguém deixou tudo para trás. Que esquisito, cara.

Pois é. Pensei naquela coisa no porão, nas pichações das paredes. “Esquisito” era uma palavra adequada.

— Você tem que ver o resto — falei.

Tyler abriu outro sorriso.

— E o que a gente tá esperando?

Deixei Tyler ir na frente. Mesmo que todo mundo tivesse conseguido entrar por minha causa. Era assim que as coisas funcionavam. Foi logo depois, Shannon atrás de mim e Abid por último. De novo. Era assim que as coisas funcionavam.

Conferimos mais alguns apartamentos. Todos mais ou menos iguais ao primeiro. Louça largada na pia. Roupas abandonadas nos cestos, canecas esquecidas nas mesas. Tyler saiu abrindo gavetas e armários. Shannon vasculhou as roupas. Abid ficou parado, sem jeito, evitando tocar nas coisas.

Iluminando o caminho com a lanterna, fui até uma das cozinhas. Abri alguns armários. Espiei dentro da geladeira. E franzi a testa.

Tyler apareceu de repente

— Achou alguma coisa?

— Não tem comida — falei.

— Quê?

— Nada. Nem na despensa, nem na geladeira.

— E daí?

— Por que alguém levaria toda a comida e largaria todas as roupas?

— Vai ver bateu uma larica. Quem liga pra essa merda? — Ele fechou a porta da geladeira com um chute. — Não tem nada aqui que vale a pena roubar. Vamos nessa.

Suspirei. Eu ligava para aquela merda. Não estava gostando. Mas me levantei e o segui até sair do apartamento.

Avançamos devagar pelo corredor, Tyler iluminando com a lanterna do celular as paredes cobertas de pichações. Passamos pelos elevadores — as portas de metal, tortas e amassadas, como se alguém tivesse dado uns bons chutes. De dentro para fora. Uma placa improvisada pendurada na frente dizia “QUEBRADO”.

Também não gostei daquilo.

Tyler parou de repente, e eu quase dei de cara com as costas dele.

— Que foi?

Ele soltou um assobio por entre os dentes.

— Isso sim é esquisito *pra caralho*.

— O quê?

— Essa pichação, cara.

Olhei para a parede. Uma confusão de letras e cores, com camadas tão grossas de tinta que mal dava para discernir uma coisa da outra.

— Tá vendo? — perguntou ele.

Semicerrei mais os olhos.

— Não.

— É só uma mistureba — comentou Shannon.

— Não é, não — respondeu Tyler, impaciente. — É a mesma palavra. Repetida várias vezes. — Ele apontou. — Isso é um “F”. Aqui, “O” e “M”, e aqui, “E”.

Aí eu consegui enxergar. Senti um arrepio subindo pela espinha, feito uma coisa viva.

— Fome — sussurrei.

*Dispensa vazia. Geladeira vazia.*

Shannon inclinou o pescoço, olhando em volta.

— Por que alguém escreveria isso?

— Alguém anda sentindo falta de um sanduba — disse Tyler, e riu.

— Não tem graça — retrucou Abid em voz baixa.

— Iiiih. Tá com medo, Abid?

— Só não estou gostando disso. Como você mesmo falou, não tem nada que vale a pena roubar. Melhor a gente sair daqui logo.

— Depois da trabalheira que o Dannyzão teve pra botar a gente aqui dentro?

— Tá tranquilo — interrompi.

— Não — disse Tyler de forma ríspida. — Não tá tranquilo. A gente ainda não olhou tudo. Beleza?

Abid franziu a boca. Shannon deu de ombros. Tyler ficou me encarando.

— Beleza?

Hesitei. E foi nessa hora que o barulho reverberou pelo chão: um ronco imenso e mecânico vindo das entranhas do edifício.

— Merda! — Shannon deu um pulo, o cabelo voando e cobrindo seu rosto.

Tyler se virou e a luz do celular ricocheteou nas paredes.

— Que porra é essa?

Ouvimos o barulho de novo. Era como uma besta enorme de metal ganhando vida. Dessa vez, foi seguido por outro som: um rangido lento e arrastado vindo dos andares de baixo.

— Tá chegando mais perto — comentou Shannon.

— Mas que *porra* é essa? — repetiu Tyler, soando assustado.

De repente, eu entendi, e meu estômago gelou. *Não, não é possível.*

Antes que eu respondesse, Abid deu uma meia risadinha estranha.

— É o elevador — disse ele.

Todo mundo se virou devagar.

Aquele som entre um ronco e um rangido ficou mais alto. Depois parou. Então ouvimos um *plim*, estranho e dissonante.

Pensei no corpo preto e lustroso se movendo rápido no porão.

— A gente tem que sair daqui — falei.

Tyler ainda encarava a porta do elevador.

— Pera aí, cara.

A porta começou a se abrir, mas de repente emperrou.

Ficamos olhando para aquela fenda de escuridão. De dentro, dava para ouvir uma respiração... um som seco e trêmulo.

— Não estou gostando disso — sussurrou Abid.

Uma mão esticada emergiu da fenda. Parecia humana, mas era terrivelmente longa e esquelética, com a pele seca e meio escamosa. Unhas feito garras amarelas e afiadas arranharam o metal.

Então, veio uma voz rouca:

— Fome.

— Caralho! — murmurou Tyler. — *Corre!*

Não precisava falar duas vezes.

Nós disparamos pelo corredor, os tênis ganindo no piso de concreto. Quando chegamos ao final, viramos e entramos em outro corredor escuro. Havia portas dos dois lados e uma parede impedia nossa fuga.

— Caralho! É uma porra de um beco sem saída — disse Tyler.

— Merda — soltou Shannon.

Ouvimos um guincho metálico. As portas do elevador. O que quer que estivesse ali dentro estava tentando abri-las.

— O que a gente faz agora? — perguntou Abid.

— Se esconde — respondi.

Porque era a única coisa que a gente podia fazer. Isso eu já tinha aprendido na prática.

— Onde? — perguntou Shannon.

— Em um dos apartamentos. — Ouvi mais barulhos vindos do corredor. Algo raspando e se movendo. Engoli em seco. — Agora.

Tyler se virou, mirando na porta mais próxima. Abriu-a com um pontapé, e todo mundo correu para dentro. Fechei da forma mais silenciosa que consegui.

— E agora? — sussurrou Abid.

Joguei a luz da lanterna no restante do apartamento. Os outros estavam usando os celulares. A sala e a cozinha pareciam iguais às outras: velhas, sujas e abandonadas.

— A gente procura um lugar para se esconder — indiquei. — Se aquela coisa vier, a gente deixa ela entrar no cômodo, depois corremos o mais rápido possível para a porta e vamos direto para a saída de emergência.

Era uma estratégia que eu já tinha usado antes, com o meu pai.

— Só isso? Esse é o seu plano? — perguntou Tyler.

— Você tem outro melhor?

Ele olhou em volta.

— A gente precisa de armas.

— É, bom, vai ver alguém deixou uma AK-47 pra trás — replicou Shannon.

— Eles deixaram *algumas* coisas pra trás, né? — retrucou Tyler. — Vai ver tem alguma que dê pra usar.

Ele foi até a pequena cozinha e abriu os armários. Eu me encolhi por causa do barulho.

— Isso! — Tyler se virou, empunhando uma faca de pão. — É disso que eu estou falando, cara.

— Tem mais alguma coisa? — perguntou Shannon, indo até ele.

— Será que a gente não devia ligar para alguém, tipo a polícia, e pedir ajuda? — sugeriu Abid.

— E dizer o quê? — perguntou Tyler em tom de deboche. — “Oi, eu e meus amigos invadimos um prédio e agora tem um monstro doido semi-humano atrás da gente”? Você acha que eles vão mandar uma viatura por causa disso?

Ele tinha razão. Abid suspirou e se juntou aos dois, revirando as gavetas e os armários da cozinha.

Continuei ao lado da porta. Tinha um olho-mágico. Fiquei na ponta dos pés e espiei o lado de fora. Meu coração disparou. Na outra ponta do corredor, dava para ver a coisa do elevador. A forma podia ser humana, mas era a coisa menos humana que eu já tinha visto, exceto nos filmes e nos videogames. Era de uma magreza esquelética, corcunda e cheia de escamas. O rosto parecia quase o de um réptil, com resquícios de cabelo presos no crânio. Vestia farrapos de roupas: o que um dia talvez tenha sido um short e uma camiseta rasgada. Os braços eram ossudos e as mãos pareciam garras.

Recuei, o coração batendo com força.

— Tá vindo.

— Toma.

Eu me virei. Shannon enfiou uma lata na minha mão — inseticida. Na outra mão, ela segurava uma garrafa de alvejante. Abid empunhava um saca-rolhas.

— Valeu — falei, me perguntando que merda eu faria com um inseticida.

Do lado de fora, portas eram abertas com baques.

— Tá procurando a gente — murmurou Shannon.

— A gente tem que se preparar — sugeri.

— Ou atacar — rebateu Tyler.

Olhamos uns para os outros, para nossas armas improvisadas: uma faca de pão, um saca-rolhas, alvejante e inseticida. Lembrei que eu também tinha um canivete no bolso, mas não faria nem um arranhão naquela coisa. Além disso, nunca tinha usado o canivete para machucar ninguém além de mim mesmo.

— Vamos com o plano do Danny — disse Shannon.

Abid assentiu.



— Estou de boa com isso.

Tyler revirou os olhos, mas não discutiu.

— Como a gente vai saber que tá na hora de correr? — perguntou Abid.

— Eu dou o sinal — respondi.

— Qual?

Boa pergunta.

— Vou gritar “Vai!”.

— Que criativo, cara — replicou Tyler.

Do outro lado do corredor, mais uma porta bateu. Não havia tempo para retrucar.

— Vão se esconder. Agora — mandei.

Abid e Tyler se agacharam atrás da bancada que separava a cozinha da sala. Shannon e eu nos encolhemos atrás do sofá esfarrapado. Desliguei a lanterna. Não eram esconderijos excelentes, mas tudo bem. Bastava que a criatura entrasse no cômodo e se afastasse o bastante da porta para que a gente saísse correndo.

— Vai funcionar? — sussurrou Shannon.

— Não sei — admiti. — Funcionava com o meu pai, geralmente ele estava bebaço.

Ela me encarou, então a porta rangeu e abriu.

A criatura fedia. Um cheiro podre e azedo. Sua respiração era pesada, e as palavras saíam como um grunhido gutural.

— Fome. Fome.

Prendi a respiração. Pelo som, percebi que ela estava se movendo para a frente. Um, dois, três passos. Não estava longe o suficiente da porta. Ainda não. Tentei dar uma espiada pela lateral do sofá. Estava escuro, mas consegui enxergar o contorno da figura, iluminada pelo brilho das luzes da cidade que entrava pela janela. Nunca ficava totalmente escuro na cidade. A criatura ficou parada, quase no meio do cômodo. Só mais alguns passos e eu daria o sinal.

E então ela se virou. Não para mim e Shannon. Mas para a cozinha, onde Tyler e Abid estavam agachados. Se avançasse mais, iria vê-los e bloquear a rota de fuga dos dois.

— Fome. — A voz soou rouca. — *Fome.*

Ferrou.

Eu tinha que fazer alguma coisa. Então me levantei.

— Ei!

A criatura se virou.

— Aqui, seu merda.

Liguei a lanterna. A criatura ergueu as garras contra o feixe de luz. De relance, vi que havia algo preto e lustroso com dentes afiados em sua boca. Aproveitando que ela estava desorientada, levantei o inseticida e apertei, mirando o jato tóxico direto nos olhos dela. A criatura soltou um uivo de dor e se afastou aos tropeços, agarrando o rosto.

— VAI! — gritei para os outros.

Abid e Tyler se levantaram em um salto e dispararam para a porta. Shannon se ergueu. Segurei a mão dela e a puxei. Passamos pela porta correndo, e eu a fechei para prender aquela coisa horrorosa do lado de dentro.

— Merda. Puta que pariu, caralho — dizia Tyler, ofegante, enquanto fazíamos o caminho de volta.

— Cara, espera. Acho que vou... — Abid parou de repente e vomitou, bem na calça jeans estilosa e nos tênis brancos imaculados. — Que merda. — Ele soltou um gemido.

Mas não tínhamos tempo para aquilo.

— A gente precisa achar a saída — gritei.

Porque agora dava para ouvir mais barulhos. Coisas se movendo nos outros apartamentos. Despertando. Ao final do corredor, nós viramos, e uma porta se abriu com um estrondo à nossa frente. Outra figura esquelética e escamosa surgiu. Usava os farrapos de um vestido, e um cabelo loiro desgrenhado caía pelos ombros curvados.

*Estas coisas eram pessoas. Pessoas que moravam aqui até...*

— Fome — rosnou ela. — Fome.

A criatura abriu a boca. Vi uma cabeça preta e lustrosa emergindo, com os dentes afiados à mostra.

Shannon gritou.

Tyler se lançou para a frente.

— Toma essa, sua piranha feia.

Ele enfiou a faca de pão na barriga da criatura, que jogou a cabeça para trás e guinchou de dor, segurando o abdômen. Shannon abriu a tampinha da garrafa com dificuldade e, no momento em que a coisa estava se virando para Tyler, jogou o alvejante em seus olhos. A criatura se encolheu, cambaleando e apertando os olhos, seus gritos de dor ao mesmo tempo inumanos e comoventes.

— Continuem correndo! — gritou Tyler.

Disparamos para longe da criatura. Vi o elevador à esquerda. Tyler se virou para a porta.

— Não! — gritei. — A escada. Vai pela escada.

Ele correu e alcançou a porta que dava no vão das escadas. Abriu-a com um puxão. A escadaria estava um breu. Sem janelas. Sem a luz da cidade, que parecia estar a um milhão de quilômetros de distância. Outro planeta.

Tyler, Abid e Shannon apontaram os celulares para baixo. Minha lanterna estava falhando.

— Minha bateria tá quase acabando — gemeu Abid.

As luzes iluminavam poucos degraus por vez, e a gente desceu o mais rápido que dava sem tropeçar nem cair. Estávamos quase no fim da escada quando parei de repente. Escutei algo. Segurei o braço de Tyler, que se virou.

— Que foi?

— Ouviu esse barulho?

Ele inclinou a cabeça.

— Não.

— Escuta.

— Ele tem razão — disse Shannon. — Também estou ouvindo. Tipo uma coisa esquisita farfalhando.

Ou uma *risadinha abafada*, pensei. Como se um monte de corpos com carapaças lustrosas estivessem se esfregando uns nos outros, agitados. Merda.

Fomos mais cuidadosos no restante do trajeto. Quando chegamos até a base da escada, paramos de novo. O farfalhar de risadinha estava mais alto, inconfundível. Onde estávamos havia uma porta que levava ao porão por onde eu tinha entrado. A outra levava ao saguão da portaria e à entrada da frente. O barulho não estava vindo do porão.

Fui até a porta que dava no saguão e abri uma frestinha. Apontei a lanterna pela abertura.

— Puta merda — murmurou Shannon.

O piso do saguão estava se movendo. Como um mar de óleo. Dezenas de corpos pretos lustrosos se agitavam de um lado para o outro, cobrindo cada centímetro. Pareciam besouros, mas eram maiores, do tamanho de ratos, com rabos escamosos e mandíbulas cheias de dentes afiados. Quando a luz os atingiu, o barulho parou.

— Eles sabem que a gente tá aqui — sussurrou Tyler.

— Então por que não estão atacando? — perguntou Shannon.

Fiquei arrepiado ao perceber o motivo.

— Eles sabem que a gente vai ter que passar por eles. Estão esperando — expliquei.

— Qual é o plano agora? — perguntou Abid, gemendo. Ele não parecia nada bem, como se estivesse prestes a desmoronar assim que a adrenalina baixasse. — Não dá para voltar nem passar por essas merdas. — Ele se virou para Tyler. — É tudo culpa sua, porra.

Então começou a chorar. Soluços altos e profundos.

— Tá tudo bem — afirmou Shannon, o abraçando de lado. — A gente vai dar um jeito.

Aí ela olhou para mim. Não para Tyler. *Para mim.*

Tentei pensar. Não tinha como sair pelo porão. Precisávamos atravessar o saguão, até a porta da frente. Mas como? O que a gente tinha? Uma faca de pão, um saca-rolhas, alvejante e inseticida. Tyler e Abid não iam conseguir golpear todas aquelas criaturas-besouros. Os objetos talvez nem conseguissem penetrar as carapaças. O mesmo valia para o alvejante. Então nos restava o inseticida. As criaturas eram *insetos*. Só que grandes. Grandes demais para que o veneno fizesse efeito. A não ser...

Fendas no espaço-tempo, apocalipses e crianças macabras. Nas tramas de *Onze portas para a escuridão*, nada é o que parece, e vida, morte, culpa e fantasia se misturam de forma aterrorizante.

Navegando entre a estranheza e o horror, os contos narrados nestas páginas nos apresentam uma série de realidades perturbadoras. Um homem parte em uma missão implacável que beira o fim do mundo. Uma garota com um estranho dom faz amizade com uma assassina sem coração. Quatro amigos resolvem explorar um prédio abandonado com segredos monstruosos. Pai e filha fazem uma viagem de carro por estradinhas rurais em meio ao completo breu. E uma tempestade de areia promete trazer lembranças indesejáveis...

Se os romances de C. J. Tudor são aclamados por seus enredos sombrios e cheios de reviravoltas, esta primeira coletânea de contos da autora nos leva ainda mais longe, mostrando as faces mais perversas e criativas de sua escrita. Fascinante, sinistro e tremendamente original, *Onze portas para a escuridão* traz um compilado de histórias carregado de adrenalina e enraizado no que há de mais bizarro em nossa mente. A edição brasileira ainda conta com ilustrações originais da premiada designer e quadrinista Amanda Miranda, que enriquecem a atmosfera dos contos de C. J. Tudor.

**SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1259/>